

F U N A I / 5^a DR
PROJETO NAMBIQUARA
RELATÓRIO N. 02/NVG/76
p/ Encarregado Sílbene de Almeida

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data _____/_____/_____
Cod. <u>NAD 00100</u>

Introdução

Um ano após nossa chegada (16/04/75) na área nambi-
quara apresentamos nesse relato - lista nominal dos índios por al-
deia, nascimentos e óbitos no período (observamos que tais dados _
foram obtidos à medida que víamos as pessoas - por exemplo, os wai-
ktesu em Vila Bela foram alistados em dez/76 e alguns índios de _
Pirena em 06/76). Aqui, para fins de recenseamento, os nomes, mas _
temos ficha de cada indivíduo, onde consta pai, mãe, turma, origem,
data de nascimento e óbito, vacinas e observações pessoais ;
um gráfico de nossa locação na área nos meses de abril, maio e junho;
o nascimento de uma criança e a morte de uma índia excerto de nosso
diário ; visitas ; missões ; artesanato e trocas ; educação ; saúde ;
civilizados, vacas e flechas ; agricultura e criação ; terras e guda-
ças.

.....

1) Terras - ocupação e mudanças

No dia 10/03/76, no Km 650 da BR 364 - Novo Oeste, apresentou-me o Sr. Lancia, adquirente de parte das terras do Sr. Edmundo José Rodrigues, onde se localiza a aldeia de Pirena (Haihaintesu). Ofereceu-se cooperar com o que pudesse (sábio, remédios, etc.), como fazer para que os índios não flechassem vacas, salientou que era europeu e mais civilizado que esses piões (justamente os que menos prejudicam), que poderia fazer uma cerca de 20 metros ao redor da aldeia para que as futuras vacas não entrassem, e afirmou, entretanto não faria derrubada este ano. No dia 15/06/76, justamente com dois fundadorios desta Fundação - Noraldino V. Cruvinel (DGPC) e Quirino Andrade (DGPI), sobrevoamos a área de Pirena constatando que ao contrário do que afirmara, o Sr. Lancia está derrubando, já fez pista de pouso, talvez alertado de que "sua" terra poderia se tornar uma possível reserva. Em 18/06/76 fomos à mesma Pirena por terra e a derruba está sendo feita ao longe (e ao fundo) da estrada coincidentemente e mesmo lado da aldeia, já há 600 metros do carreador que entra-se para a maloca, há uns seis quilômetros distante.

~~Há~~ 3 km da aldeia Alantesu tem uma derrubada do Sr. Capriolli de 150 alqueires, não tem gado e mora so um visito Sr. Paraiba. Há uma picada onde passam a cavalo, que vai desde aí até ao Guaperé (onde farão a séde) e daí até o Rio Novo (outro núcleo da fazenda) que tem estrada de carro até a Areia Branca (BR 364-Km576). Pretendem fazer este ano estrada de carro até o Guaperé passando há uns 2 kms da aldeia.

A Fazenda Aguapé, uns 12 kms da aldeia Wasusu, pretendeu fazer um embarcadouro de gado no alto da serra (2 kms da aldeia) para trazer o gado da fazenda até o embarcadouro e daí seguir de caminhão, pois a serra tem um declive acentuado e escorregadio. Já estava alguns piões, arames, iniciavam a fazê-lo, quando foram surprendidos pelos índios que os expulsaram, jogaram o arame no mato. A Aguapé solicitou ao Sr. Grimaldo (proprietário vizinho e por quem os índios tem bom relacionamento) que fosse conversar com os índios. Outra surprêsa - o Sr. Grimaldo foi recebido por todos os índios armados de arcos e flechas. Os ^{tomaram-lhe o revólver, desarrregaram-no} ao ar, devolveram-lhe e lhe disseram que os civilizados já tinham apanhado as terras de baixo, e que lá ficassem com as vacas (também devolveram-lhe o arame) . Parece-nos que desistiram de fazer e embarcadouro.

Para proteger o índio um pouquinho das vacas, ou protegerem mais as vacas, a Agropecuária Vale do Guaporé fizeram um cercado de 10 m² ao redor da aldeia dos Qualisatesu (Serraria- Haihaintesu) e dos Waunsu (Campo - Haihaintesu).

Acreditamos mais razoável uma reserva única para os índios do Guaporé, com uma infraestrutura (estradas, pista e sobretudo de um enfermeiro e rádio) efíez. Trabalhamos todo este tempo para estreitarem as relações tribais (gravador, visitas, trocas) e numa última conversa com alguns líderes (Wasusu -2, Alantesu 4, Haihaintesu 2) no Posto Nambiquara do Campo, assestiram a necessidade de uma reserva, onde se apoiassem e estivessem juntos.

A mudança seria feita gradativamente, primeiro os Wasusu (que mais esperam), escolheriam a área, faziam roça, voltavam a aldeia atual e, quando a época da colheita iriam definitivamente. Antes, claro, já deveríamos ter instalado o posto, enfermeira, estrada, rádio e enfermeiro e pista de pouso. Em seguida, iriam os Alantesu, ou mesmo os Haihaintesu, apesar da drástica experiência anterior, parecendo que mudariam sem grandes dificuldades. Esperamos completar toda a transferência dentro de 5 anos e acreditamos na sua eficácia se nos for possível contar com a infraestrutura citada, pois a região é malária e isto poderia danificar todo o processo de transferi-los. Tanto os Wasusu, quanto os Alantesu, e os 4 Waikatesu que ficaram, não possuem malária em seu locais atuais. Somente nos Haihaintesu registramos 3 casos neste tempo.

A situação dos Waikatesu, ora em Vila Bela, não temos tido informação e o contato é difícil. Parece-nos que a coordenação juntamente com os missionários responsáveis já encontraram uma saída.

2) Agricultura e criação

Senhores de terras férteis, cultivam o milho fêfe, mandioca, feijão fava, batata, cará, araruta, bananas, mamão, inhame. Gostam de trabalhar na terra e achamos bom, pois eles concorrem plenamente, em ampliar a produção tanto para a subsistência quanto comercialização. A necessidade dos artigos dos civilizados é maior que sua oferta para troca. Assim poderemos vender arroz, feijão, milho, amendoim, tomate, pepino, bananas, etc, pois os consumidores da região (pensões e núcleos beira estrada) importam de São Paulo. As fazendas vizinhas dedicam-se a pecuária. Faremos uma pequena tentativa este ano, esperando realizar mais proveitosamente na reserva. Todos os grupos fizeram e fazem derrubadas para o próximo plantio, salientamos os Haihaintesu ~~xxx~~ tanto em Pirêna, Campo e Serraria .

Têm semente de milho da colheita passada, rama de mandioca. Conseguiram cará e feijão-fava com os Wasusu.

Conforme Ofício N.26/CPN/76 dirigido ao Sr. José Luiz Zillo, acertou-se que a fazenda cercaria e prepararia 5 hectares onde atualmente está a roça dos Haihaintesu (Serraria). Entretanto, além da dificultosa obra para preparar a terra, o capim atualmente que a cercaia constantemente seria semeado pelo vento. Os índios escolheram outro local, terre melhor, a fazenda concorda, e lá derrubaram. A fazenda, ainda assim, cercou a roça para proteger a banana e a mandioca existente. Aqueles que moram na aldeia do campo, terras " de Sr. Zillo", fizeram a derrubada onde a terra "pertence" ao Sr. Juvenal (ainda não está devastada, não tem ninguém morando).

Com exceção do grupo (ou melhor, grupos) do Sararé e Pirêna, os demais já estão criando um pouco de galinhas para posterior comércio. Os Alanta têm um casal de porcos e um cavalo. Todos querem cavalos, galinhas, perus, porcos. Farão um plantio de milho duro para alimento animal.

3) Saúde

A mudança da estação e queda da temperatura pelas ondas de frio contribuem para os surtos de gripe contínues, em tôdas as tribos. Ainda casos de diarréias.

Nascimentos -

Manuela	- 28/02/76	- Alanta	♀ filha de Quante e Wharinta)
Lourdes	- 01/04/76	- "	(filha de Caeta. e Joana)
Furina	- 03/05/76	- "	(Gamão e Terezinha)
Regina	- 03/06/76	- "	(Fuado e Maria Bonita)
Furana	- 15/06/76	- "	(Mané e Terezita)
Silvia	- 11/04/76	- Wasusu	(Etreca e Eunice)
Sônia	- 27/04/76	- "	(Waioke e Bárbara)
Valdomira	- 21/04/76	- Nuntata	(Américo e Luiza)

Óbitos -

Manuela - (Alanta) A segunda recém nascida que o casal perde. Nasceu com uma dor nas costas (parte ?), ficou sendo tratada na Fazenda e daí a 5 dias morreu. Conforme as pessoas da fazenda pareceu coração. A outra que nasceu o ano passado também a perderam em menos de 15 dias após o nascer.

Ruth - (Wasusu) em fins de março/76. Em set/76 a levamos em Vilhena para tratamento com o médico. Estava desnutrida e com uma diarréia crônica. Melhorou um pouco mas teve uma segunda e fatal recaída.

Mamãe - Também em fins de março de 76, quando estava me

em Cuiabá, levávamos artefatos e tivemos malária. Também estava ausente o missionário. A fazenda, por ordem do administrador, apesar de ser a única da região que tem farmácia e laboratório, proibiu dar remédio aos índios. A gripe passou a pneumonia e sem socorro faleceu.

Maria - Também em fase de morte (Haihantesu). Ver o relato do diário à frente.

Apesar da concordância em cumprir o Of.N. 26/CPN/76, o administrador Max Mesman reluta em fornecer remédio e alega que os índios merecem outro tratamento diferente do civilizado, poderia ser fatal o remédio de sua farmácia. Assim ainda, tomamos a liberdade em lhe dar liberdade em fornecer o remédio, pois que confiamos no farmacêutico. Todavia, o farmacêutico pretende sair de firma, e ficamos encurralados em lhe conceder (ao administrador) a licença para fornecer os remédios em caso de nossa ausência ou do missionário (o remédio poderá mesmo ser fatal).

Em 11/04/76 foram para Cuiabá num avião do SIL, junto com nosso coordenador, três índios Haihai para tratamento na Cárcera. À saber - Jacutinga (cego de um olho e mal de outro - 38 anos), seu filho Arco (4 anos) e Antônio (25 anos). Em 17/5/76 soube pelo coordenador que todos fugiram da Cárcera mais uma mulher Waikata. Perto da fazenda Sorana, na estrada, voltava a pé em 14/6/76 Antônio, fraco e abatido, ao seu bando. Nenhuma notícia dos outros. estavam doentes, talvez morreram, continuavam andando, não sabia Antônio.

4) Educação

Fizemos alguns exercícios noturnos com eles e realçamos a importância do escrito. Todos mostram interesse, grande interesse, e trouxemos 4 (quatro) Haihai (Bibi, Marilu, Seringueiro e Narcida) para a Escola em Camararé (de 16/6/76 a 13/8/76). Mais outros vieram até ao Posto Nambiquera do Campo, de onde seguiriam para Camararé, mas desistiram pois não haviam terminado a derrubada e tinham crianças recém nascidas. Gostariam de voltar depois de 20/7/76 mas os professores (do SIL) pretendem terminar o curso em 13 de agosto.

5) Artesanato e trocas -

A constatare ainda de gripe não os animou a produzirem quantidade suficiente de artefatos. Os arcos e flechas que produzem, ainda não tem sentido comercial (mais os valoriza) e o material para seu feitiço falta ou é escasso em algumas regiões (não esqueçamos que grande parte da mata hoje é pasto). Por exemplo - Os Alanta

não têm taquara para a flecha, os Wasusu não têm taquara para a ponta e boca e corda de tucum, os Heihei não têm taquara e pouce arco).

Para si mesmo o arco e a flecha (além de arma) tem grande valor, pois o material é difícil e não têm malícia suficiente para malograr-nos no comércio usando outro material.

Como sabem, não usam nenhum aderção, pluma ou conta ou semente (os Hambi de Susperé), não sabem fazer, ou relutam em fazê-lo pois não é de sua cultura e é sua característica. Enviámos alguns pilões a Artíndia para vermos a possibilidade comercial e algumas bandas de buriti (faixa de cabeça).

Finalmente nos restam os balaços, que não alcançam grande preço e de difícil transporte. Por isso achamos conveniente em se lerarmos mais produtividade agrícola para posterior comércio.

Artefatos remetidos a Artíndia em junho/76

Balaços	-	15 balaços Wasusu
		16 " Alantesu
Arco	-	13 jogos Alantesu
		7 " Wasusu
Bandas	-	7 bandas Alantesu
Pilões	-	2 pilões Wasusu

Trocas intertribais

Os Alanta trocaram batatas por taquara com os Wasusu

Os Wasusu trocaram milho por corda de tucum com Serrazul

Os Heihei trocaram ponta de flecha por taquara com os Wasusu

Os Heihei trocaram siriva por taquara com Serrazul

Os Alante trocaram siriva por taquara com Serrazul.

6) Missões

Atualmente presentes os missionários da Missão Cristã Brasileira no Seraré e nos Hainsintesu.

Gostaríamos que os senhores nos fornecessem uma cópia das normas que rege o trabalho missionário entre as tribos, e a possibilidade delas nos fornecerem as datas e o tempo que ficam presentes entre os grupos. Sabemos que o missionário Edwin Petersen (South America Mission) atualmente em férias nos EUA, influenciou na escolha do capitão dos Wasusu (peterinda e capitão natural), as crianças que nascem agora já não furem as orelhas por seu conselho, disse ao índio que possui duas mulheres (um raro caso de levirate) que é feio e Jesus não gosta e que uma de suas mulheres não se deixa se procriar mais. Ele volta em agosto, gostaríamos se possível o DGFC tomar alguma

alguma providência, resguardando nesse nome (poderiam dizer que as informações foram obtidas por uma inspeção), pois os índios gostam dele, e isto poderia abalar a confiança que os índios nos depositam.

Também sabemos que o missionário Gustav Bringsken (MCB) pretende conseguir licença da FUNAI para levar o índio Martinho (9 anos) que há mais de um ano mora com ele (levou-o para tratar e não o trouxe de volta) em sua viagem à Holanda em dezembro próximo. Como sabem as missões conseguem financiamento através de ^{plata} ~~propaganda~~ ^{propaganda} entre os " irmãos " com apelos ao paganismo e inferioridade do índio, o que poderá ser uma lástima se usarem a criança. Per essas coisas e nessa total desinformação ^{gostaram} ~~a respeito~~ ^{conteu} das normas que rege o trabalho missionário, ~~gostaríamos de uma cópia~~. Não devemos boicotar de uma vez o ^{seu} trabalho missionário, mas restringir as licenças, e com os que estão atualmente podia-se fazer um trabalho mais unido (se os seus ~~predicais~~ ^{predicais} ~~pensares~~ ^{pensares} permitirem). Para tanto, precisaríamos de uma comunicação dos senhores.

7) Civilização - vacas e flechas

A presença cada vez mais numerosa nesses últimos anos de civilizados ao seu redor levou o índio a discernir que existem bons e maus civilizados e terem amizades com alguns.

Os índios não bebem bebida alcólica e só uma vez registramos um caso de cachaça entre eles (um pião da fazenda Sorana deu ao índio Maurício de presente (?) e ele a guardava como remédio).

O administrador da fazenda Sorana nos informou que ~~apareceu~~ ^{apareceu} uma de suas vacas flechadas, e nos ~~pediu~~ ^{pediu} que procurássemos saber se foram os índios, se alguma coisa havia de errado na relação com a nova administração (a fazenda fôra recém-vendida). Fomos aos índios e eles tanto negaram como cada um trouxe o modelo de suas pontas para confirmar a diferença (é completamente diferente). Não sabemos como aconteceu. Mas como já houve antecedentes no Zillo e boatos de que arcos e flechas que os índios haviam dado em troca com os civilizados eram utilizados por estes, ^(uma maneira de fazer) ~~pedia-se~~ ^{pedia-se} ~~suspeitos~~. A ponta da flecha retirada do bucho da vaca era verde e os índios após colhida ^{atirada} é defumada dias ou meses para secar e adquirir resistência ^{adquirido em um}. Todavia, nada podemos afirmar.

Quando de uma das vacas flechadas no Zillo, o índio José me confessou que ele havia flechado porque estava andando ~~trazendo~~ ^{trazendo} dias procurando comida, as crianças chorando, e só vaca e vaca (atasu- demônio) a triste e raivosa a flechou.

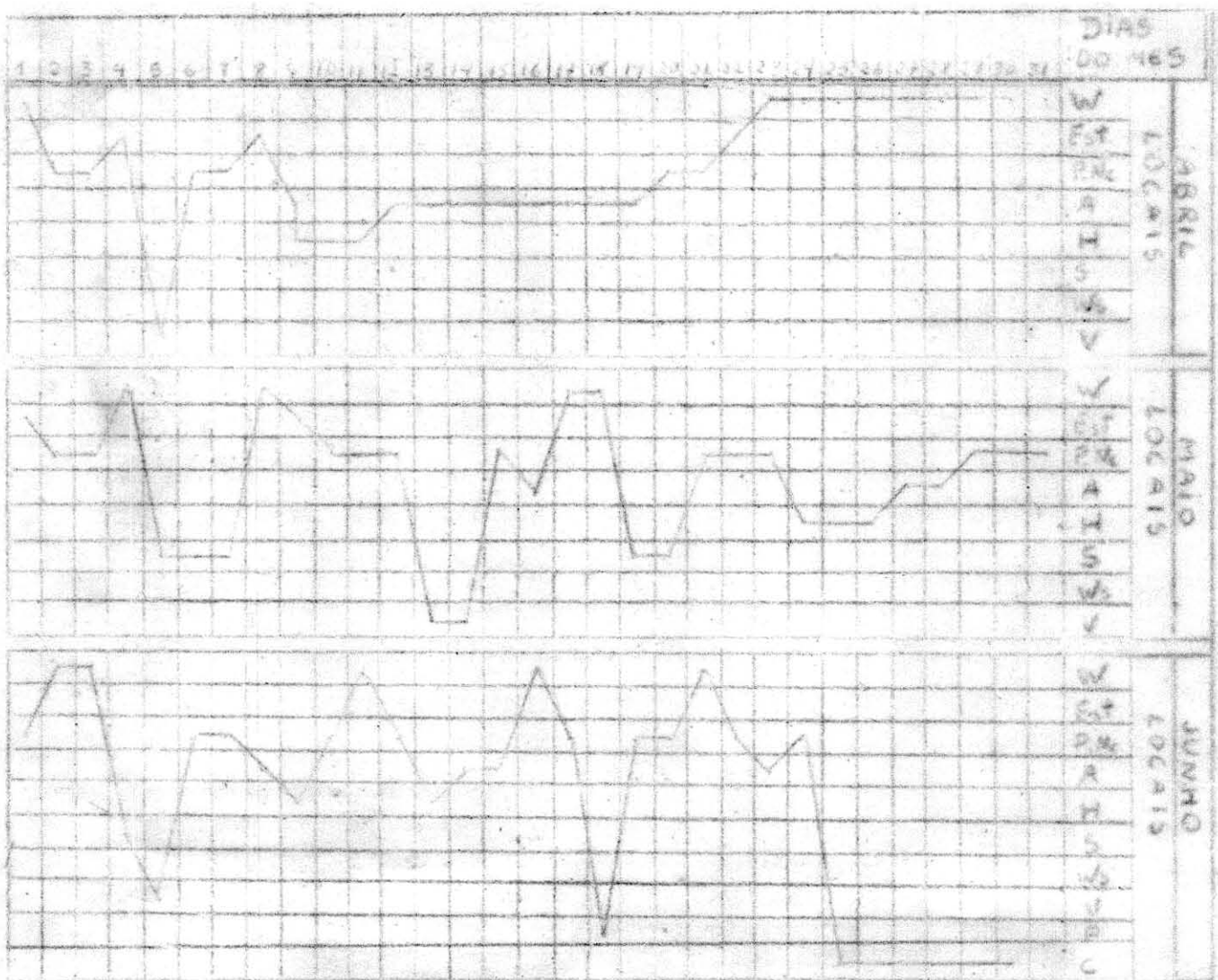
8) Visitas

Recebemos Maree Antonio de Carvalho (DDC) e Neraldino V. Cruvinel (DGPC), que juntamente com nosso coordenador percorreremos as aldeias do vale do rio Guaperé. Numa segunda vez Neraldino V. Cruvinel e Quirino Andrade (DGPI) com quem sobrevoamos a área onde se localiza a aldeia de Pirena.

Dois índios Wasusu visitaram o Sararé, o Capitão Tito (Sararé) visitou os Wasusu e Nambiquara do campo, dois índios Haihaintesu foram aos Wasusu. Tres famílias Wasusu visitaram os Alantesu e cinco famílias Alanta visitaram os Wasusu.

9) Locomoção

Apresentamos um gráfico de nossa locomoção na área durante os meses de abril, maio e junho.



LOCALS : W - Wasusu
 Est - Estrada
 P.M. - Posto Amb. Campo
 A - Alantesu
 H - Haihaintesu
 S - Sararé
 Ws - Wark-tesu (Sorum)
 V - Vilena
 P - Pirena
 C - Camarua

10) Recenseamento (02/75 a 06/76)

<u>TRIBO</u>	<u>ALDEIA</u>	<u>NOME</u>	<u>NASC.</u>	<u>ÓBITO</u>
Haihai	Serraria	Jacutinga		
"	"	Maria		10/04/76
"	"	José Índio		
"	"	Marco		
"	"	Maimundo		
"	"	Amália		
"	"	Ernesto		
"	"	Carolita		
"	"	Narrida		
"	"	Antonio		
"	"	Seringueiro		
"	"	Mamãe		?/03/76
"	"	Papineli		
"	"	Caraca		
"	"	Malaco		
"	"	Mamãe		
"	Campe	Bibi		
"	"	Mari lu		
"	"	Bolinha		
"	"	Maritço		
"	"	Manha	04/02/76	
"	"	José Benedito		
"	"	Mercedes		
"	"	Mateus		
"	"	Hene		
"	"	Laio		
"	"	Luria		
"	"	Davi		
"	"	Martinho (Vila Bela)		
"	"	Paule		
"	"	Barbara		
"	"	Uinetu		
"	Pirena	Padreico		
"	"	Cyrelisa		
"	"	Debora		
"	"	José		
"	"	Josna		
"	"	Mailton	13/02/75	
"	"	Pedro		
"	"	Maria Pequena		
"	"	Camaruto		
"	"	Erico		
"	"	Marta		
"	"	Dora		
"	"	Tiago		
"	"	Terezinha		
"	"	Geralde	14/07/75	
"	"	Papai Grande		
"	"	Guistano		
"	"	Maria		
Waikata	Vila Bela	Antonio		
"	"	Maria		
"	"	Mamãe		
"	"	Antônio		
"	"	Pedro		
"	"	Ana		
"	"	Naná		
"	"	Osana		
"	"	Linda		
"	"	Marta		

Soma - 50 (-2) - 48 pessoas

Waikata	Vila Bela	Lidia		
"	"	Joaquim		
"	"	Ramão		
"	"	Joana		
"	"	Resinha		(desaparecida)
"	"	filha de Ramão	?/75	?/75 (Chácara)
"	"	Marees		
"	"	Marita		
"	Serana	Joãozinho		
"	"	Maurício		
"	"	Maria		
"	"	Bastião		
"	"	Maria Criança		8/75

Soma - 23 (-2) - 21 pessoas

Katitauru	Campo	Simão		
"	"	Eunice		
"	"	Daniel		
"	"	Daniilo	?/75	
"	"	Tomé		
"	"	Jorge		
"	"	Ciro		
"	"	Catarina		
"	"	Camila (Anita)		
"	"	Américo		
"	"	Luiza		
"	"	Linda (Ninita)		
"	"	Valdemiro	21/04/76	
"	"	Severo		
"	"	mulher de Severo		
"	"	Aurora	17/12/75	
"	"	Moisés		
"	"	André		
"	Sararé	Tito		
"	"	Mateus		
"	"	Renato		
"	"	Pedro		
"	"	Baldéu		
"	"	Nilo		
"	"	Lidia		
"	"	filha de Nilo		
"	Mata	Armando		
"	"	Sofia		
"	"	Célia		
"	"	Silvia (Tefriu)		
"	"	Borboleta		
"	"	Laura		
"	"	Domingos		
"	"	Joana		
"	"	Clara		
"	"	Timoteo (Romano)		

Soma - 36 pessoas

Obs- Quando da nossa primeira visita ao Sararé em junho/75 encontramos dois índios Joel e Deka (carai) que não mais vimos. Os índios não sabem e dizem que tem o Antonio e a mulher dele que podem ser os mesmos ou outros.

Alantasu	Cór. Matum	Ganso (Arratete)		
"	"	Terezinha (Iahelatokitapu)		
"	"	José (Rinaite)		
"	"	Furina	03/05/76	
"	"	Raimundo (Iarli)		

"	"	Geny (Nunta)		
"	"	Danilo	14/7/75	
"	"	Fuado (Faica)		
"	"	Maria Bonita		
"	"	Jose Batista		
"	"	Regina	03/6/76	
"	"	Bitão (Luça)		
"	"	Júlio (Darlutinã)		
"	"	Caterina (Malota)		
"	"	Jose Paulo	19/12/75	
"	"	Kento (Antão)		
"	"	Teresa (Rusrinta)		
"	"	Kayiana		
"	"	Florzinha	07/5/75	28/5/75
"	"	Furana	14/6/76	19/6/76
"	"	Nuncenço (Carlauto)		
"	"	Maria I (Sedaso)		
"	"	Saul	21/12/75	
"	"	Sensie (Kuantó)		
"	"	Paquina (Maloto)		
"	"	Adolfo (Calucitauto)	05/5/75	
"	"	Mané (Taité)		
"	"	Terezita (Kita)		
"	"	Manuela	28/2/76	07/4/76
"	"	Anaré (Fatsá)		
"	"	Ole (Káina)		
"	"	Caetanilho (Irrnito)		
"	"	Joana (Sugoto)		
"	"	Lourdes	01/04/76	
			<u>Soma</u> -	34 (-3) - 31 pessoas

Wasusu	Wasusu	Júlia		
"	"	Miriam		09/1/76
"	"	Maioko		
"	"	Barbara (Baloleite)		
"	"	Pedro		
"	"	Davi		
"	"	Sonia	27/04/76	
"	"	Etreca		
"	"	Eunice		
"	"	André		
"	"	Silvia	11/04/76	
"	"	Carlos		?/8/75
"	"	João		
"	"	Rosinho		
"	"	Teresa		
"	"	Joel		
"	"	Estevão		
"	"	Jaine		
"	"	Yehu		
"	"	Marta		
"	"	Paulo		
"	"	Lucio		
"	"	Bete		
"	"	Maria (Virginia)		
"	"	Rebecca		
"	"	José		
"	"	Diana		
"	"	Yawe		
"	"	Debora		
"	"	Ana		
"	"	Ada		
"	"	Coa	25/02/75	
"	"	Ona	25/02/75	
"	"	Chino		
"	"	Joana		
"	"	Tiago		

"	"	Sansão		
"	"	João Batista	10/03/75	
"	"	Lucas		
"	"	Assigu		
"	"	Elizatebe		
"	"	Téo	02/75	?/6/75
"	"	Jorge		
"	"	Florencia		
"	"	Creide		
"	"	Rute		?/3/76
"	"	Nana	15/5/75	

Soma - 47 (-4) - 43 pessoas

B e s u m o

<u>Tribe</u>	<u>Nasc. 75</u>	<u>Nasc.76</u>	<u>Óbitos 75</u>	<u>Óbitos 76</u>	<u>n. de pessoas</u>
Alantesu	5	5	1	2	31
Wasusu	5	2	2	2	43
Sersaré	2	1	-	-	36
Haihai	2	1	-	2	48
Waikate	1	-	2	-	21
T O T A L	15	19	5	6	179

11) Morte e vida Índia (extraído do diário)

10/04/1976 - Dei injeção aos que estavam mais mal (Alantas) e segui para os Haihai. Chegando a Maria do Jacutinga, fraquíssima, desidratada, vê o filho (José que estava comigo nos Wasusu), grita alguma coisa forte como contentamento. Corro pro Geraldo (farmacêutico do Zillo) pedir um sêro. Não pode dar por ordem do Sr. Max. Forço um pouco a barra e consigo que ele meio escondido vá aplicar o sêro na Maria. Aplicado o soro, mandei um rúcio pro Davi pedindo um avião para 3 pessoas. Seis horas da tarde estava tomando banho quando repentinamente começaram a cantar altíssimo na aldeia. Acabei o banho, fui até a pensão comprar cigarros e voltei. Passei perto da casa e fui prá minha maloca. Acabada de morrer a Mamãe, todos os índios foram para Pirena, ficando so e família do Raimundo e Jacutinga com a Maria doente e a criança (Marco). Quando cheguei na aldeia vinco dos Alantesu a cara de todo mundo era desolação e fraqueza. Apliquei os remédios, foi o tempo de tomar banho, e sunece e a Índia morre. Mas ainda não tinha certeza. Eles continuavam a cantar e sabiam que eu voltara do banho e estava na casa. Esperei que alguém viesse me falar. Ninguém. Resolvi ir até a casa. Cheguei, eles me sentiram e continuaram na mesma posição e a cantar. A Índia estava na mesma posição que a deixei após o soro, o Jacutinga deitado ao lado dela do mesmo jeito, a situação parecia normal, e cantavam todos. A Amélia, mulher do Raimundo e o Malaco é quem mais soltavam. Depois o Seringuei

ro, Jacutinga, Antônio. O José, o filho, não cantava. Pedi prá ele me passar a água, ele brincou comigo e o Careca entrevistou, brincou. Continuavam a cantar. O Careca me pediu um cigarro e ficamos esladados e eles cantavam. Fiquei algum tempo. Fui prá maloca dormir e fiquei escutando. Cantavam e cantaram toda a noite e dias seguintes. Daí a pouco chegou o Seringueiro excitado, alegre, dizendo que ia fazer casa prá armazenar o milho, que ele estava forte, que ia caçar, os outros estavam fracos, o Bolinha era fraco, ele era forte e outras brincadeiras. Antes do Seringueiro chegar, quando fui a maloca, levei o soro reidratante prá Maria. Levei a chaleira até o Jacutinga disse prá ele que era um remédio que ela devia beber aos poucos e tudo. Perguntei se ele estava dormindo e ele respondeu que dormindo muito... Continuando a conversa do Seringueiro eu eu disse q ele que havia pedido um avião, talvez amanhã chegasse, levaria a Maria e Jacutinga, o Marco e o Antônio. Respondeu que a Maria ficava e iria o Jacutinga, o Antonio e a criança. Repliquei que era a Maria que mais precisava e ele disse que não que agora tudo bem, que ela havia morrido. Morreu? - Agora ardeia, respondeu. Desenhou no chão como era a cova. Perguntei se podia ver e ele consentiu. Depois conversava muito, falou que a Mãe tinha morrido, que tudo bom. Tudo bom se morrer? Tudo bom, respondeu. Mais conversamos e ele foi pra maloca. Eu tinha muito sono e assim mesmo voltei à casa e eles estavam do mesmo jeito, estavam, a Maria na mesma posição, conversavam ou riam e cantavam.

Acordei as 5.30. Um barulho de pilão e vi o Malaco e o José procurando machado na casa de João. iam fazer a cova. Esperei pelo barulho do machado e fui até a maloca. Faziam a cova. Apesar de terem enxada, a forma da cova precisava de um instrumento mais modelar, porque o machado. É estreita, alongada, quase uma elipse, mais fechada na superfície, a pessoa fica com as pernas curvadas, na posição que normalmente dormem. Profundidade de uns 60,70 cms. Ficou na cabeça leste da casa onde o José ficava. Faziam a cova, mediam, experimentavam deitando no buraco. Fizeram-na o Raimundo e o Malaco. Chamam o Jacutinga (o marido) para experimentar a cova, ele (cego) apalpa, faz uns reparos. O corpo estava todo coberto e desinteressante. A casa em seu ambiente normal (conversas, comidas ou risos) e o corpo pouco valia. Estava já bastante frio e forçaram para curvar as pernas. Deitaram-na na cova. Alguém falou em roupa. Escolheu-se uma calça velha do Seringueiro e enterrouam junto. O José tinha nas mãos a pulseira que fora dela e um embrulhozinho com algumas coisinhas. Pôs lá e enterrou-na. Com o cuidado da terra não pregar no piso da casa, assim cobriam o buraco, o José tirou a terra excedente, pareceu não ter mais nenhum vestígio e o José voltou a deitar no mesmo lugar (ou seja, sobre o corpo da mãe). A Narrada já tinha terminado e mingua de milho e todos tomamos.

Enterraram-na nua enrolada na coberta. Continuavam a cantar.

Quando colocam o corpo na cova, o pequeno Marco (4 anos - filho) dá um grito de choro, o irmão - José estende-lhe a mão, ele cala e acaba. Fora o cantar, tudo transcorria como sempre.

27/04/76

Pela 11 horas da manhã saí de onde estava o carro e fui até a aldeia tomar banho e comer alguma coisa. Na casa de Eteera perguntei a Eunice se tinha mandioca. " Bárbara estava lá, disse-me que fosse pegar na casa dela que lá tinha. Antes, quando estava no carro (ficou enfiado 6 dias), algumas crianças e três índias. Débera amamentando seus gêmeos - Ona e Coa, Joana com o filho febril, e a outra mulher do Yehu, Bete. Bete falava que não queria ter mais filhos, o missionário falou prá não ter mais, e que a Marta (a outra mulher do Yehu) estava grávida. Comentou sobre o nascimento dos gêmeos, preocupava-lhe Bárbara tão barriguda, era prá ter parido, talvez fossem gêmeos.

Peguei duas mandiocas e voltava pro carro. Na praça da aldeia encontrei o Waioke (marido de Bárbara), convidei-o prá ir até o carro. Ele respondeu que a criança estava mexendo e ia ficar. Sol poente veio o capitão. Disse que a Bárbara ia ter criança e se eu quisesse podia ver. Ainda comentou dizendo que não sabia fazer parto, só Jorge e o Yehu (xamans) sabiam. Escurecia, voltei a aldeia. Tinha que administrar remédio na criança da Joana, fazer curativo na orelha de Ona e no dente de Júlia (sogra de Bárbara). Quando entrei na casa para fazer curativo na Júlia, deviam ser 6.45, todas as mulheres, exceção do Waioke, estavam lá com as crianças de colo, Bárbara gemia baixo e Teresa (a mais velha do grupo) fazia-lhe massagens na barriga de baixo para cima, colocando a criança na posição. Fiquei parado apreensivo pois não pensava em ver sem ser chamado. A Bete acenou para eu entrar e esperasse que a criança ia nascer. Entrei e fiquei ao lado da Teresa. Débera e o Waioke me falaram que doíam-lhe os dentes, que colocasse remédio. Fui buscá-lo e coloquei no dente delas e no da Teresa. Às vezes ela parava a massagem e uma vez, vi que ela ia massagear e a Bárbara afastou-lhe as mãos. Daí a pouco voltou a massagem. Como as crianças ficam sempre onde estou a Joana perguntou-me se tinha visto o Sensão e o Waioke pelo Pedro (filho mais velho-5 anos). Não sabia.

A criança ia sair. Olhei o relógio- 7.00. Teresa chama o Waioke, ele ajoelha numa perna e na outra apoia a Bárbara. Ficava de cócoras abraçada ao pescoço e na perna do marido. Teresa continuava a massagem para baixo, a Bete veio e mantinha as pernas da Bárbara

ra abertas, a Tereza foi por trás ajudar o Waioko a segurar a Bárbara, a Eunice continuou a massagem. Apareceu a cabeça, a Bete falou pra Tereza dar o remédio (cascas de Jatobá macerada com água), ela bebeu, os ombros, as pernas e pluft; a criança solta pro chão sem ninguém amarrá-la e lá ficou. Mulher - disseram. Continuava a massagem pra tirar a placenta, a atenção continuava em Bárbara, parecia difícil. Às 7.05 saiu a placenta e esse tempo pareceu-me enorme. Eu estava muito aflito. Deitaram a Bárbara. Tereza pegou um plástico, deitou a criança, um pano limpava-a com muito cuidado. Waioko pegou um pedaço de linha e tesoura e deu pra ela. Tereza deu um laço apertado há uns 3 centímetros de umbigo, outro há uns 6 cms. e aqui cortou-o com a tesoura. A Júlia (mãe de Waioko) pegou a criança e continuou limpando, o Waioko entregou o aquaçu (coisa de mexer o fogo) pra Tereza que fez um buraco no chão e caiu a criança (uns 30 cms de profundidade) e enterrou a placenta com o cordão umbilical. Bete comentou comigo que devia enterrar pois se jogasse fora cachorro comia e a criança morreria.

Júlia limpava a criança quando Bárbara sentou, estendeu os braços e recebeu a criança. Deu-lhe a mama, mas a boca estava fechada, ela a apertou lateralmente com os dedos, a criança abriu a boca e mamou.

O Capitão chegou à porta da casa e perguntou se tudo ia bem. Perguntou se era homem ou mulher e saiu. Fiquei ali admirado vendo a criança mamar. Em todos descobria-se um sorriso. Perguntei a Bete se não iam massagear a criança (eu tinha visto nos Alantésu quando o Calucitau nasceu, era de dia, e massagearam-lhe os artelhos, todos os músculos, cabeça, espachavam a criança) e Bete respondeu que só quando o sol viesse.

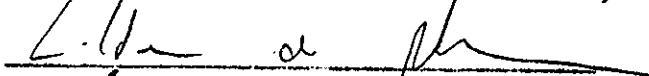
O Waioko pediu-me a lanterna e saiu pra procura o Pedro. Também o Capitão o procurava. Algum tempo e não aparecia, saí preocupado também a procurar. Já estávamos ficando nervosos, quando às 8.40 o pirralho foi encontrado pelo pai. Voltamos pra dentro da casa e o Pedro ficou com a avó e não olhou pra mãe ou a irmã recém-nascida. O Capitão estava lá dentro e brincou com o Pedro, dizendo que ele tinha uma irmãzinha, devia olhá-la, ela ia crescer, crescer e casar.

O Capitão ficou lá ainda conversando e eu voltei pra casa dormir.

No outro dia o Waioko lhe fez massagem, continuou a fazer durante a semana pela manhã, e ficava em casa de resguardo, enquanto a Bárbara e a criança já saíam. O pai não fuma, não come de espingarda (o barulho faz mal a criança).

.....

Com nossa consideração e apreço,



Sílbene de Almeida
Chefe do PI SARARÉ
Projeto Nambiquera
Enc/ Vale do Guaporé